

Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset

Mauro Sérgio de Carvalho Tomaz

Graduando em Filosofia – UFSJ

E-mail: msctomaz@hotmail.com

Fone: (32)99993-8145; (35)98475-8943

Bolsista PIBIC/FAPEMIG – UFSJ

Data de recepção: 03/04/2014

Data de aprovação: 06/06/2014

CARVALHO, José Maurício de. *Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset*.

Londrina: Cefil, 2002.

Nessa obra, José Maurício de Carvalho introduz o leitor ao modo de pensar do filósofo espanhol contemporâneo José Ortega y Gasset (1883-1955), demonstrando as influências que Ortega y Gasset recebeu em sua filosofia, tanto de outros autores – como a herança do neokantismo, do existencialismo e do culturalismo da escola de Marburgo – quanto do momento em que vive e dos desafios que enfrenta - a crise da primeira metade do século XX. Carvalho convida o leitor a caminhar através da filosofia orteguiana enquanto relata a visão de Ortega sobre alguns assuntos, tais como a metafísica, a teoria do conhecimento, a política, a moral e a educação, proporcionando ao leitor a possibilidade de se situar diante da vasta obra do filósofo em questão e de ter uma visão bastante ampla de suas áreas de investigação e da consistência de seu pensamento.

Nos primeiros quatro capítulos, Carvalho apresenta a metafísica de Ortega y Gasset e as estruturas básicas de sua filosofia. Nesse ponto, encontra-se a tese central do pensamento orteguiano: o raciovitalismo, espécie de síntese entre o realismo antigo e o idealismo moderno. Ortega introduz a pedra angular, um terceiro e novo objeto: a vida como realidade última, radical. Ou seja, o fundamento da realidade não está somente fora da consciência (as ideias como queria Platão, a substância à moda de Aristóteles ou a ideia de Deus para os medievais) nem está também somente na consciência (isolado no *cogito* cartesiano nem abstraído na razão pura de Kant), mas na vida mesma, na vida de carne e osso, na vida de cada um. É aí, nos desafios que ela impõe ao vivente particular, nas circunstâncias inexoráveis da vida de cada um, que obrigam o homem a modificá-la, alterá-la, lapidá-la pelas suas escolhas, que a realidade encontra seu fundamento. Dessa forma, a razão é uma dimensão da vida humana: a dimensão propriamente racional. O que quer dizer que antes de pensar é preciso viver e não pensar primeiro para viver depois. A essa forma de abordagem Ortega chama de filosofia da razão vital. Esses são, sucintamente, os pilares sobre os quais o filósofo espanhol se baseia para criar sua visão antropológica e, a partir daí, estabelecer suas formas de pensar sobre outras dimensões da vida humana.

Com essa tese, o filósofo examina a relação entre o Eu e o mundo, ou seja, as circunstâncias em que o sujeito se encontra e a maneira como as modifica. Essa modificação, entretanto, não é arbitrária, mas parte de características do sujeito, como o contexto histórico em que está inserido e, conseqüentemente, das crenças (unidades de pensamento pré-rationais) que admite. Além disso, na perspectiva de Ortega, todo homem tem em si uma vocação, um chamado, um impulso vital e de acordo com ele deve viver para que possa desempenhar a missão que lhe é própria, sob pena de cair em uma existência inautêntica, já que o fato de existir uma missão não pressupõe a sua inexorável concretização. A vocação, além de individual, tem um âmbito também social, não pode ser encarada fora da cultura em que se insere. De forma que o homem, para ser autenticamente quem é, precisa lançar-se além da própria individualidade, preocupando-se com os problemas de seu tempo. Esses pontos são de fundamental importância para a compreensão da visão do autor sobre outros aspectos: tanto o moral e o político quanto o pedagógico e o epistemológico.

Carvalho dedica o capítulo V à forma que Ortega compreende o amor. Para o filósofo espanhol, o amor surge quando uma alma repousa em outra. Partindo dessa concepção, o sentimento não é algo ideal, despregado da realidade última e fundamental que é a vida, mas é uma forma particular de comportamento que visa retirar o Eu de si mesmo e direcioná-lo para o ser amado. Sendo assim é um sentimento de suma importância, pois explica uma parte das ações humanas diante da vida.

O tema tratado no próximo capítulo demonstra a visão orteguiana da moral. Nessa perspectiva, a moralidade é entendida como fidelidade à vocação. A dimensão ética de sua filosofia se dá justamente na concepção de que o homem é livre para cumprir ou não sua vocação e de que cada ação praticada na inexorabilidade da escolha frente às circunstâncias implica a responsabilidade das escolhas.

No capítulo VII, o autor apresenta a visão política de Ortega, explicando que o fato de posicionar-se favoravelmente ao liberalismo enraíza-o na metafísica: o homem deve ser livre para construir a própria vida frente às circunstâncias geradas pelo mundo e frente à inexorabilidade da escolha. Sendo assim, seu pensamento se reflete em uma teoria política que privilegia essa forma de viver, pois a falta da liberdade faz surgir o indivíduo que se exime da responsabilidade de gerir a própria vida: o homem-massa. A existência (inautêntica) desse tipo de homem, para Ortega, nada mais é que um parasita social, favorecendo o estabelecimento de governos totalitários.

No último capítulo, o autor depara-se com a questão da educação na filosofia de Ortega y Gasset. Ele chega mesmo a falar em “verdadeiras pérolas” (p. 488) ao se referir à atribuição das conclusões antropológicas de Ortega, nascidas de sua metafísica, através de um processo pedagógico. Assim, a visão que Ortega guarda da educação não está separada da sua forma de encarar a filosofia ou a política, por exemplo. Uma educação vista sob a perspectiva da filosofia da razão vital deve ter como realidade radical a vida, prepara-se para ela, fazer com que o educando seja capaz de resolver os problemas que lhe são apresentados pelas circunstâncias, tanto no presente como no futuro.

Estes temas tratados por Carvalho, sob a perspectiva orteguiana, devem ser encarados não como proposições invariáveis, cristalizadas, mas como formas de pensar que estão permanentemente em construção, como está a história e, conseqüentemente, como estão os homens. Ambos são passíveis de enfrentar momentos de crise, como a inadequação das crenças às novas ideias emergentes que modificarão os homens e transformarão a sociedade.

A obra é apresentada de uma forma clara e homogênea de maneira que o leitor sente-se atraído pelas ideias sedutoras de Ortega e pela claríssima apresentação de Carvalho, que, com perguntas bem colocadas em pontos estratégicos do texto, trata do assunto em questão como se estivesse ministrando uma aula. Em outras palavras, o leitor sente como se pudesse dialogar com o texto.

A divisão dos capítulos é também articulada de maneira que o leitor que busca se familiarizar com a forma de pensar de Ortega sente-se eficientemente orientado nos primeiros quatro capítulos, de forma que os temas tratados em seguida possam ser compreendidos sem muitas dificuldades. Como se Carvalho, antes de levar o leitor a passeio pela genial construção orteguiana, começasse pelos seus pilares mais profundos.

Dessa forma, é quase impossível deixar de perceber a atualidade da filosofia orteguiana, principalmente em relação aos desafios enfrentados pela sociedade brasileira hodierna na política e na educação. Carvalho apresenta como Ortega parece profetizar muitas dificuldades atuais não só na Europa como em toda sociedade ocidental, e como propõe para elas uma forma de resolução que coloca em destaque a vida humana e a sua liberdade. Talvez seja exatamente disso que a sociedade atual precise: resolver os desafios propostos pelas circunstâncias de seu tempo sem se esquecer da própria intimidade.